

ENTREVISTA

Fábio Malini



Big Data da Revolução

Por Daniel Lima*

Revisão Fernanda Lomba

Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (labic.net).

Em 30 de Julho de 2017, em Vitória-ES, encontro com Fábio Malini num café em frente ao hotel. Especialista e referência internacional no estudo das Redes Sociais, Malini é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000), Mestre em Ciência da Informação pelo IBICT/CNPQ - ECO-UFRJ (2002) e Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Leciona no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, onde coordena o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (labic.net). Atua na pesquisa aplicada no campo da ciência de dados, política e análises de redes sociais. É autor, em parceria com Henrique Antoun, do livro “A Internet e a Rua (2013). Sob a leitura de seus textos, conversamos por mais de uma hora sobre questões identitárias, mineração de dados, simetria entre humanos e não-humanos, perspectivismo e redes como espaços públicos tencionados. Além de um olhar investigativo sobre os conceitos, teorias e práticas metodológicas, a entrevista revela alguns caminhos para entender os novos encontros entre técnica e sociedade que estão em formação no mundo contemporâneo, assim como, as novas possibilidades do fazer político na complementaridade do virtual e presencial. Começamos conversando informalmente sobre a implementação de cotas na USP e aqui começamos a entrevista:

* Bacharel em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da USP, Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC/SP e doutorando em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Desde 2001 cria intervenções e interferências no espaço urbano. Próximo de trabalhos coletivos, desenvolve pesquisas relacionadas a mídia, questões raciais e processos educacionais. Membro fundador da A Revolução Não Será Televisada, Política do Impossível e Frente 3 de Fevereiro. Dirige a produtora e editora Invisíveis Produções. www.danielclima.com

FÁBIO MALINI

A minha família é interracial, meu pai é negro. Meu pai é negro mesmo e trazendo toda uma cultura própria. Ele é carioca, então a minha família paterna toda é carioca. Ele tinha uma história incrível: a mãe dele ficou grávida com 15 anos. Então, ela foi mandada embora de casa, foi para o Rio e se apaixonou por um nordestino chamado Luís, por isso que meu segundo nome é Luís. Meu pai foi morador de rua, foi flanelinha de rua... E aí depois ele voltou para Vitória, foi morar com os avós. Os mesmos avós que expulsaram minha mãe, adotaram aquela criança. Em Vitória, ele conheceu a minha mãe que é tipicamente uma capixaba do interior: branca, olhos azuis, de formação italiana. Eles se apaixonaram e enfim surge mais uma família interracial. Então, como disse a Sueli Carneiro, eu sou um negro de pele clara. Ou seja, não pode ser só dada aos brancos a oportunidade de viver a experiência interracial né? Também é preciso dar aos filhos dos negros a possibilidade de se dizer também negros de pele clara. Eu acho que meu pai me deu muito esse viés político. Meu pai é sindicalista. Ele era do sindicato democrático, o cara do piquete que rasgava pneu nas ruas, era ferroviário. Aqui no Espírito Santo, a Vale sempre teve a centralidade industrial, então ele foi do sindicato mais forte do Brasil nos anos 90: o sindicato Ferroviário, sem dúvida alguma, junto com o dos metalúrgicos. Minha mãe é professora. Então, é curioso isso, porque gerou uma relação boa. Por isso

que eu sou um ativista dentro da universidade, sempre fui, inclusive das políticas afirmativas. Porque a minha história é, de certa maneira, uma história que passa todo filho de negro para acessar a universidade pública. Era uma história épica.

PARÁGRAFO: Entrando no seu estudo sobre as Redes Sociais Digitais, sobre a mineração de dados, como se dá esta extração de dados em grande escala na internet?

Fábio Malini: Eu acho que a extração de dados na internet é algo muito comum na indústria tecnológica, os grandes *players* da tecnologia já faziam há muito tempo. O Google por exemplo, é um grande extrator de dados. Faz continuamente essa extração diretamente dos servidores que eles têm acesso. Acho que nas Ciências Sociais especificamente, isso passa a se aquecer mais nos últimos cinco anos. Então, isso tem muito a ver com uma virada, uma passagem, digamos, uma mudança na forma como a internet passa a se organizar. A transição da internet para o que vai ser convencionado de 1.0 para 2.0 ou, de um ponto de vista mais político, da *web* comercial para a *web pear to pear* ou para o domínio dos domínios. Ou seja, dos acessos via web através de URL para o domínio dos perfis. Nessa transição – que é uma transição também do ponto de vista do processo no qual a gente utiliza a internet – os processos [de extração] também começaram a ficar mais popularizados. Esses lugares

onde nós habitamos como perfis, começaram a ser percebidos. Quem percebe isso, obviamente, são empresas. Perceberam que a maneira de comercializar ou popularizar as suas aplicações era abrindo os seus dados. Então, sem dúvida alguma, o Twitter, e o que vem depois do Twitter, e um pouquinho antes também, Youtube, ou seja, toda a dimensão da franquia Google, Facebook, Instagram, enfim, esses dispositivos começaram a abrir as suas portas para a coleta de dados. Por outro lado, também começaram a surgir os primeiros *plug-ins* para *browser* para coleta de dados em ambientes web, ambientes públicos, *sites*, *blogs*, etc. Alguns lugares têm um certo tipo de protagonismo como, sem dúvida alguma, tem o laboratório do Media Lab em Paris. Um protagonismo muito importante de começar a socializar essas ferramentas. Mas eu creio que, de fato, elas começam a se popularizar, após as grandes manifestações que acontecem no mundo árabe. É quando estas ferramentas são popularizadas. Então, a extração de dados é algo relativamente simples de executar hoje. Atualmente, qualquer usuário que goste de pesquisar pode ter, por exemplo, um software como o Gephi, um software *open source*, aberto e com possibilidade de uso, instalar um *plug-in* e se conectar com a sua conta no Twitter. Isso, claro, também vai ter muitas implicações éticas, mas também vão ter muitas implicações tecnológicas. Uma coisa é você coletar cinco mil mensagens, que era mais ou menos o patamar dos estúdios de comunicação no Brasil, até 2012.

O trabalho nosso do Labic e de mais alguns pesquisadores brasileiros, sobretudo os da computação, dão um salto quantitativo. A gente vai sair de cinco mil para 600 mil, e hoje a gente tá falando de 80 milhões, 100 milhões. São os dados, por exemplo, da última semana das eleições americanas que nós coletamos aqui. Esses saltos quantitativos nos impõem também no estudo das Ciências Sociais novos modos de tratar essa informação. Então, acho que a extração dos dados também coloca hoje várias questões para aqueles que têm dados e aqueles que não têm dados. Sentimos isso no laboratório, porque a gente recebe muitos pesquisadores por ano. Eu acho que esse ano nós tivemos quase 20 pesquisadores, mestrandos, doutorandos, que visitam o laboratório para ter o acesso aos dados, mas quando a pessoa tem o acesso, ela percebe que não adianta ter uma planilha com 100 mil mensagens, ela não vai conseguir processar no *laptop* de maneira estruturada. Ela tem que ficar trabalhando naquela semana para organizar, de maneira a filtrar muito as informações. Então, a extração nos trouxe muitos novos problemas. Epistemológicos, tecnológicos, éticos, teóricos...

“Esses saltos quantitativos nos impõem também no estudo das Ciências Sociais novos modos de tratar essa informação”

E você crê que a tendência desta extração é chegar até o usuário? Ou sempre vai ter essa dificuldade de escala, mesmo de hardware, que consiga processar essa escala de dados?

Ela vai chegando cada vez mais aos usuários, muito em função também do que há entre o *big* e o *small*, essas gradações. Eu acho que a tendência do pessoal das Ciências Sociais é transformar aquilo que era um volume muito grande em volumes menores. Por exemplo, eu posso coletar o dado como coletei ontem, um dado sobre a política e a Operação Lava Jato. Eu posso filtrar, eu quero só saber o que os procuradores da Lava Jato, que estão no Facebook ou no Twitter, estão falando sobre aquilo. Assim, você já diminui muito a carga de dados. Então saber questionar continua sendo o elemento mais importante da pesquisa. Não é o fetiche do volume que dá qualidade à pesquisa. Realmente, o que dá qualidade é a boa questão de pesquisa. Ou seja, ter bons objetos de pesquisa. Então, esta popularização vai acontecendo também por outro motivo, porque estas tecnologias são o nascedouro. Delas vêm das comunidades abertas. As comunidades abertas têm um certo pavor do encastelamento desses dados, da privatização destes dados, da lógica proprietária destes dados. Então, isso também vai fazendo com que *scripts*, programas que libertem os dados de uma visão proprietária, ocorram.

“Não é o fetiche do volume que dá qualidade à pesquisa. Realmente, o que dá qualidade é a boa questão de pesquisa”

Pensando na rede, como a mineração de dados pode ajudar a reconhecer quando agem forças intensivas genuínas, que se espalham organicamente em oposição e quando são forças simuladas como genuínas, criadas para parecerem populares?

Sim, então, eu acho que você tem essas duas dimensões que aparentemente são ambíguas, aparentemente são até dualistas. Ou seja, temos essa dimensão orgânica para usar um termo do próprio Facebook, e a dimensão impulsionada, que é a dimensão do dinheiro, a dimensão artificial do processo. As nomenclaturas do Facebook são ótimas, o orgânico que seria aquilo que é vivo, e digamos, o inorgânico, que é aquilo que é impulsionado pelo dinheiro né? Aparentemente são duas, mas não, elas se entrelaçam de maneira muito curiosa. Eu acho que toda essa discussão que vai se dar em torno da organicidade, ela se apresenta cada vez mais com um viés muito fortemente ideologizado. Aquilo que é orgânico, com frequência, é aquilo que tem mais força ideológica. Existe uma identidade maior de quem compartilha aquilo que é compartilhado. Então o que vai ganhar a força de compartilhamento nestas redes vai ser exatamente aquilo que é produzido pelos “convertidos” daquela ideia. Não é à toa que um jogo de

minorias cresce nesses ambientes, porque são as minorias e a forte fragmentação que elas possuem, um pouco da alma da organicidade, o espírito da organicidade. E, ao mesmo tempo, aquilo que é o inorgânico, aquilo que é o artificial, aquilo que é o promovido, o impulsionado, é a força do dinheiro, ou seja, a busca econômica que se dá livremente através do Facebook. Desde aquele que tem só 50 reais para impulsionar, como aquele que tem, como aconteceu na eleição britânica agora, um milhão de libras para impulsionar. Essa dinâmica é curiosa porque ela é sempre efêmera, então não tem uma linha permanente, assim como é a dimensão orgânica, mas ela é capaz de chegar a mais pessoas em curto intervalo de tempo do que o orgânico. O orgânico não consegue fazer isso. É muito raro que alguma coisa orgânica consiga chegar, em um curto intervalo de tempo, se não for realmente alguma coisa que rompe as bolhas das minorias. E com frequência são temas mais generalistas midiáticos. Uma eleição, um desastre, uma catástrofe, uma coisa que geralmente tem a ver com assunto de todo mundo, todo mundo precisa dessa informação. E de onde vão surgir as chamadas fazendas de clique, fazenda de *likes*, *bots*, contas falsas criadas para comentar ou para proteger determinada página, enfim, toda uma cultura artificial? Essa cultura se forma para criar essa máquina publicitária do felicíssimo, da bajulação, do maior e tal, da página com maior quantidade de *likes*, etc. Isso é curioso porque em determinado momento também isso diminui a própria capacidade comunicacio-

nal do sujeito. Vou dar um exemplo muito concreto: me liga um amigo durante uma campanha eleitoral, de eleição majoritária, dizendo que a página vinha crescendo muito. E longe de estarem felizes, eles estavam tristes por aquilo. Eles não estavam entendendo aquele crescimento de cinco mil *likes*/dia. Que para um candidato a governador era altíssimo. Mas que era estranho. Eles estavam percebendo que os usuários não eram brasileiros. E ele disse, a gente precisa estancar essa sangria. E aí me perguntaram se eu tinha alguma sugestão. Eu falei: se é *like* que vem do exterior, é simples: você impede que *likes* que vem do exterior aconteçam na sua página do Facebook; você vai na API e desabilita isso. Depois de três dias ele me ligou: “Fábio, era exatamente isso que a gente precisava”. Eu fui curiosamente perguntar, de onde vem? Ele falou: “vem da Primavera Árabe”, ele até brincou. São todos perfis que estão localizados em países do Oriente Médio, da Ásia e a gente não sabia o porquê disso. Depois a gente foi conversando, ele falou: “qual o grande problema de você ter muitos *likes*, de lugares que não são o seu próprio país? O Facebook reduz a sua abrangência”. Para uma situação política como a dele, que era fazer com que o *post* do candidato chegasse aos seus próprios fãs, ele estava tendo uma obliteração dos *posts* dos candidatos, que estavam sendo menos vistos. Então você tinha uma guerra em rede, em que o ter muito *like* era uma condição para reduzir o alcance das publicações do adversário político. Digo isso para vermos que não necessariamente as fazendas de clique ser-

vem apenas para dar visibilidade às pessoas, mas também para dar invisibilidade. Hoje eu vejo que, de certa maneira, o papel do chamado cientista de dados é também publicizar e questionar essas estruturas de inflação de popularidade ou deflação de popularidade, e colocar isso na discussão pública. Porque se ele esperar um ano para o *paper* ser avaliado pelos pares e mais seis meses para ser publicado, aquilo já passou, entendeu?

“O papel do chamado cientista de dados é também publicizar e questionar essas estruturas de inflação de popularidade ou deflação de popularidade, e colocar isso na discussão pública”

Entrando nessa ideia de Antropologia Simétrica, entre humanos e não-humanos, esses robôs, as fazendas de cliques, enfim, como entender isso não só pelo valor negativo, mas também como uma simetria que constrói o que nós somos, o que é a rede, como equalizar isso sem cair necessariamente na deslegitimação dos robôs e das máquinas?

Sim, a primeira vez que eu compreendi a dimensão robótica, que é uma dimensão que a gente vive na política, mas que ela tem a sua origem no entretenimento. A percepção que eu tinha é que a gente estava num ataque à democracia. Por quê? Você tem um abuso de poder econômico, que vai gerar uma inflação de tendência de opinião, e a tendência de opinião quando ela é explicitada, você tem

um efeito de manada. Então, eu achava de certa maneira perigoso viver, no campo da internet, aquilo que nós vivemos antes, de maneira muito forte no século XX, e que ainda a gente vive, um domínio, uma hegemonia absurda, de um conjunto de veículos de comunicação determinando a agenda da sociedade. O que implica, na verdade, a redução dessa agenda, também aos velhos temas dos brancos, aos velhos temas do homem, do heterossexual, enfim... E eu escrevi um texto chamado: *Bots contra a sociedade*¹, que é obviamente uma relação direta com o livro do Pierre Clastres (*A Sociedade contra o Estado*). Enfim, depois de um tempo, não sei se foi nesse mesmo texto, eu falo que *Bots* também fazem parte da democracia. Isso já é a relação de uma influência da Antropologia Simétrica. Eu acho que eu resolvi de certa maneira isso, sem dúvida, com a leitura de dois autores. O primeiro autor foi Eduardo Viveiros de Castro, com o qual eu fiz um curso em 2013. E a partir de Eduardo, eu li um ensaio do Roy Wagner (2011) sobre a pessoa fractal. O termo já me animava muito porque o fractal está dentro da teoria da internet. Bom, mas a noção de pessoa do Eduardo fez com que eu encontrasse uma saída para essa ideia do artificial, para essa ideia esquemática de robô e humano, e eu acho que agora, talvez em contato com a leitura mais feminista das minhas alunas, o trabalho da Donna Haraway (2009) também vai ser muito importante para a noção de ciborgue, que, de certa maneira, é aquilo que eu

queria explicitar, mas não sabia muito bem. Mas a noção de pessoa foi alguma coisa que foi muito importante para mim. Porque eu comecei ali a tematizar o robô também como pessoa, e eu acho que isso vai se dar num livro que eu vou lançar esse ano. Você tem uma dimensão de uma alma que roda, digamos, nessas duas questões. Passa tanto a conta verificada ou chamado real, o @real, como o @bot, eles têm uma característica em comum: tem uma centralidade do humano, da pessoa humana aí dentro. O algoritmo é uma máquina, digamos, de sistematização de processos humanos, enquanto a atividade humana também tem a sua própria natureza. Eu acho que essa categoria foi muito importante para dar simetria à maneira como os agentes, as coisas acontecem nessa história de perfil. A ideia de perfil, de certa forma, é uma emulação que eu faço com o conceito de pessoa no Eduardo Viveiros de Castro.

E pensando nesse sentido, a partir desta ideia que o Latour propõe com a simetria, podemos romper com a ideia da presencialidade do espaço público, a presencialidade da democracia baseada num sujeito presencial. E permite esticar e alargar as redes como espaço público e as pessoas como pessoas fractais, pessoas dentro de pessoas, como sendo também sujeitos políticos. Como a sociedade poderia operacionalizar isso ou de alguma maneira tomar a simetria destas condições como algo legítimo?

É, eu acho que existe toda uma

aspiração que passa pela tecnologia. Sempre existiu um certo tipo de euforia tecnológica de que as tecnologias digitais pudessem proporcionar a democracia direta. Há uma relação de um certo tipo de euforia, que em determinado momento, sobretudo os anos 1970, era considerado como um determinismo tecnológico, uma relação direta entre a adoção das tecnologias sobretudo cibernéticas, com a democracia direta. Então, é curioso que tem um certo fundo ontológico que carrega uma proposta política das tecnologias da informação. Eu não sei se a gente se afastou tanto dessa ideia. Sem dúvida alguma, pensar os individuais sociais como redes é primeiro pensar uma política de multiplicidade. Ou seja, pensar o espaço público a partir de uma lógica de rede, significa primeiro demonstrar que toda política produzida pelos indivíduos é antes uma política de associação de relações, e que estes indivíduos sociais estão todos implicados nessas relações. Parece que o novo urbanista tem esse papel importante: identificar os conjuntos relacionais que a cidade promove na sua propulsão da vida. E por outro lado, esta nova ontologia, que se afirma é capaz também de proporcionar uma nova cidade. Hoje me parece que se você tem uma coisa interessante, que é possível fazer, sobretudo que essa geração de novos cientistas pode ajudar, é o processamento das demandas sociais também em big data. E elas estão permanentemente sendo ditas. Explicitadas. Não há movimento de rua que não se espelhe em determinadas ferramentas digitais, espaços digitais proprietários ou não.

Então, pensando sobre essa política de enxame que é característica dessa multidão, quais são as possibilidades que você enxerga de resistências aos processos hegemônicos, quais são as forças que essa multidão em rede pode ter como forma de resistência?

Eu acho que o conceito de multidão animou muito a militância sobretudo pós-1999, na primeira década do século XXI. Me parece que esse viver em multidão sempre foi caracterizado por viver em rede, a partir das suas singularidades e a cooperação é a marca, uma categoria muito importante para compreender o conceito de multidão. Curioso como esse conceito deriva em um novo conceito, digamos, como uma espécie de materialização do conceito de multidão, que é o conceito de coletivo. Eu acho que o conceito de coletivo é um dos primeiros léxicos, um dos primeiros filhos do conceito de multidão. E aqui acho que existem diferentes movimentos. Acho que tem movimentos que vão se organizar dentro da democracia liberal para inserir uma agenda de direitos, ou seja, não é uma agenda que coloca o sistema capitalista, o sistema liberal em cheque, mas é uma agenda reformista em que se amplia novos direitos. Eu diria que boa parte dos coletivos estão nesse campo. Mas há também um elemento antissistêmico que está também presente. Eu acho que esse foi mais atacado, ou seja, ele propõe exatamente não negociar os elementos mais vitais da vida: o ar, a água, a floresta... essas questões são muito mais antissistêmicas e não necessariamente são modernas. Por exemplo,

a questão da luta indígena no Brasil é algo muito importante, porque ela é, ao mesmo tempo, uma luta antissistêmica, anticapitalista, e ao mesmo tempo, constitui uma nova forma de vida, uma nova maneira de pensar a vida. Não só o movimento indígena, mas temos todos os movimentos que não tem como pretensão a conquista dos Estados. Acho que teve esse elemento forte, no Brasil em 2013. Os protestos de 2013 têm esse ingrediente antissistêmico, ou seja, nós não queremos dar um golpe, mas não é uma questão de conquistar o Estado, no sentido de se apropriar ao Estado e impor aí uma nova ditadura, ou sei lá o quê. Esse é um movimento parecido com, por exemplo, o neozapatismo. É construir uma outra lógica política que não passa necessariamente por ter o aparelho do Estado. O que é a rede? A rede é *n-1*. É o número de nós menos eu. Eu no sentido teórico. Então isso é uma das coisas mais interessantes que a rede própria produz, por isso que o certo quando você está na rua é *n-1*. Você sabe que tem um papel político importante. Mas só faz sentido aquilo, a adrenalina que tem aquilo muito em função de uma outra energia, é um neoromagma como diz o Bifo (Franco Berardi), citado pelo Peter Pál Pelbart. Não se trata ser neopositivista, ou seja, trazer a matemática dando a ela uma determinação sobre a vida. É trazer a matemática, dar a ela uma socialidade que muitas vezes ela não tem. Então acho que essa coisa *n-1* é interessantíssima, não é? Como os coletivos têm essa característica, deram materialidade, trouxeram a rua como lugar da produção. Só que

a rua já não é mais aquela rua dos anos 1990. Esta rua é algo que tem uma camada lógica, usando termos informáticos. Ou seja, você tem uma camada de programação, ou de reprogramação da vida. Então essa relação de sincronização rua-rede é o que marca essa espacialidade. O espaço é sincrônico à dimensão lógica e a dimensão física, como é uma rede de cabeamento. O que é uma rede? Tem uma camada física, que são os cabos e os túneis, e a camada lógica da programação. A gente está vivendo a mesma coisa na espacialidade, fazendo uma analogia. A rua tem uma camada física que tem um jeito próprio de acontecer e os perigos que possui ali e também tem uma camada lógica, que tem o jeito próprio de fazer e os perigos e a resistência acontecem dentro dessa dinâmica. Se a gente quer pensar a sociedade para além do capitalismo é necessário pensar a resposta dentro das máquinas cognitivas que este capitalismo nos colocou. Não adianta só se colocar apenas como um corpo identitário. Isso é um elemento fundante da ação, mas, veja, se a gente está co-associado vão ter vários coletivos dentro da luta e eles vão atuar conjuntamente. Por isso, inclusive, que cada vez mais os movimentos são rede. Rede literalmente. Isso é meio que *beta* permanente, eles vão incorporando novas lutas ou novas pautas e se as realiza deixando alguma de lado, é porque já realizou aquela pauta incorporando-a à outra. É esta sincronicidade entre rede e rua que vai ser objeto cada vez maior de uma espécie de *big data* da revolução. Do mesmo jeito que a dimensão mercadológica conse-

1_ Disponível em <http://www.labic.net/blog/internet-2/bots-contra-a-sociedade/>

gue capturar nossos gostos e sistematizar e modular isso para venda, esta mesma expertise está com os movimentos sociais. Então sabe-se também os processos de como devolver ao poder aquilo que nos une. É mais ou menos como o Jim Morrison falava: “você têm o poder, mas nós somos muitos”. Para usar uma referência negriana, da legião (Hardt; Negri, 2005). Então é o que o diabo falou para Cristo, “Quem é você?” O satanás disse: “Eu sou uma legião”. Eu acho que tem uma dimensão satânica a se cumprir, né? Que esta legião ocupe e amplifique, e amplie o seu corpo, campo de direito, mesmo que seja reformista. É importante também. São avanços que a sociedade democrática faz. Ampliar novos espaços de democracia, novos modos de governo, para além de tomar o Estado de assalto. Eu acho que a gente está em um momento no Brasil desse salto. Agora, ao mesmo tempo, você tem uma contrarreforma por que obviamente isto significa mexer em uma estrutura da elite, da casta brasileira. Essa é a questão. Então, a contrarreforma vem muito dura, vem com muita repressão jurídica e policial, que foi o que aconteceu em 2013. Mas eu acho que não há como pensar a vida nesse cenário sem pensar naqueles que são capazes de constituí-la. Ou seja, a grande questão do homem moderno é que ele precisa sobreviver, não é? A vida dele é uma questão de sobrevivência. Esta dimensão teológica da sobrevivência faz com que se crie. Ou faz com que se resista a qualquer tipo de criação. Este é um pouco do elo do que estamos vivendo.

“Não se trata ser neopositivista, ou seja, trazer a matemática dando a ela uma determinação sobre a vida. É trazer a matemática, dar a ela uma socialidade que muitas vezes ela não tem”.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118

HARDT, Michael.; NEGRI, Antonio. **Multidão:** Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

WAGNER, Roy. A pessoa fractal. **Ponto Urbe** 5: 1-12, 2011.